

Soros defende ajuda de bancos ao Brasil

Megainvestidor diz que empréstimo de US\$ 41,5 bilhões é insuficiente

Financista afirma que há excesso na desvalorização do real



Davos - O financista norte-americano George Soros disse hoje, em Davos, na Suíça, que o real brasileiro está atualmente "excessivamente desvalorizado", depois de sua "supervalorização" anterior, e propôs uma ajuda do setor privado para o país. O financista assinalou ainda que o pacote de US\$ 41 bilhões prometido e entregue parcialmente pelo FMI ao Brasil é insuficiente, embora não tenha se pronunciado sobre o quanto deveria ser aumentado.

"Não acho que se precise de muito mais para manter a situação", disse Soros, ao ser perguntado sobre uma quantia exata, durante uma coletiva de imprensa durante o Foro Econômico Mundial.

O FMI começou, no último final de semana, a negociar com o Governo brasileiro, em Brasília, as medidas financeiras que devem ser adotadas em conjunto para resolver a atual situação.

Conselho

Soros manifestou-se em termos vagos em favor de uma ajuda financeira do setor privado ao Brasil, levando-se em conta, assinalou, que "40% do setor bancário brasileiro está em mãos estrangeiras". A pos-

sibilidade de criar um conselho monetário para estabilizar a pressão contra a moeda brasileira "é uma possibilidade a longo prazo", disse Soros. "Por ora, as condições não são propícias", acrescentou.

"Foi uma decisão desastrosa porque reforçou a pressão sobre a moeda", assinalou depois o "mago" das finanças internacionais ao ser indagado sobre o aumento dos tipos de juros decretado pelo governo de Fernando Henrique Cardoso para frear a sangria de capitais estrangeiros. "Não existe um sistema de câmbio perfeito. É como o casamento: a alternativa sempre parece melhor", assinalou Soros.

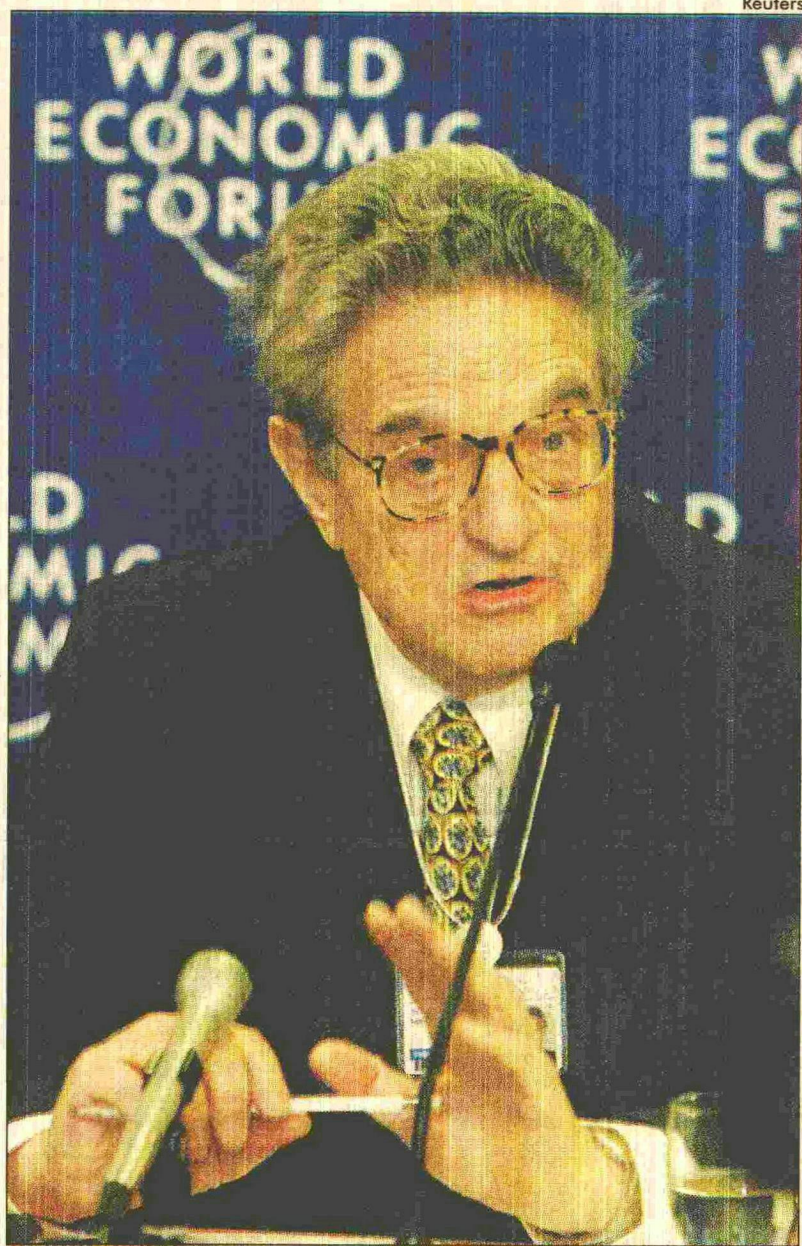
Em todo caso, assinalou Soros, "agora é preciso um muro de dinheiro que estabilize a situação porque todas as pré-condições estão ali", em referência à bateria de medidas de redução fiscal aprovadas pelo parlamento brasileiro. Soros também recomendou ao governo brasileiro que, enquanto puder, "peça emprestado a curto prazo em dólares", já que o real está em baixa mínima.

Superbanco

Domingo, o vice-diretor do FMI, Stanley Fischer, que já está em Brasília para participar nas negociações, indicou, em Davos, que a desvalorização do real foi "inquestionavelmente muito longe", e que se o Brasil tomar "medidas como as das últimas semanas", o fim da crise não está longe.

Na sexta-feira passada, o real ultrapassou a barreira psicológica dos dois reais por dólar, o que levou Soros a pedir, em Davos, a colaboração do setor privado para frear a sangria de capital estrangeiro.

O financista internacional, que regularmente solicita -



SOROS: estrangeiros controlam 40% dos bancos brasileiros

através de livros e artigos -, a reforma das instituições internacionais, é partidário de criar, tendo como base o FMI e o Banco Mundial, uma espécie de "superbanco", que, com a desvalorização da situação de cada país (ao estilo das agências de classificação como a Moody's), conceda créditos e ajudas.

G7

"Seria útil ter um elemento futuro de empréstimo público e privado", mediante os fundos do G7, "e que abria de

novo o mercado brasileiro para o investimento estrangeiro".

"Não se pode forçar os bancos, mas acho que 40% do sistema bancário brasileiro está em mãos estrangeiras, dessa forma esses bancos certamente têm interesse no Brasil; trata-se de um interesse coletivo", disse Soros.

Soros assinalou que o governo brasileiro deverá colaborar para que os bancos voltem ao mercado. "Tem de valer a pena, tem de ser benéfico para os bancos", afirmou Soros.